

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GES
PCP

UNIDADE SIM MAS PARA A ACÇÃO

A unidade das forças democráticas com vistas ao derrubamento do fascismo tem feito nos últimos tempos nítidos progressos. Pode dizer-se que a imensa maioria dos opositoristas já compreende que é condição essencial para o derrubamento do fascismo a unidade de todas as correntes anti-salazaristas. Este pensamento unitário tem-se concretizado na formação de organismos clandestinos (Juntas de Acção Patriótica) e de comissões legais (entre as quais as Comissões Cívicas).

Contudo, se é um facto que, depois de 1949, a perspectiva da unidade das forças anti-fascistas nunca foi tão ampla como hoje, não é menos verdade que as acções de massas desencadeadas por estes organismos clandestinos e comissões legais, não estão a corresponder de modo algum à gravidade do momento político e às perspectivas actuais de desenvolvimento de poderosas acções populares.

O menosprezo por parte de muitos anti-fascistas pelas lutas legais de massas e a ideia da criação de uma organização clandestina para agir, «em breve», na hora H, estão a prejudicar enormemente o desenvolvimento das lutas de massas. Ora, como salientou o Comité Central do nosso Partido na sua reunião de Março: «O levantamento nacional não é uma acção que se decida dum momento para o outro por simples decisão das forças democráticas. O levantamento nacional tem de ser a conclusão da ampliação e intensificação do movimento popular e do robustecimento da organização legal e clandestina das forças democráticas.»

Criar organismos de unidade para desencadear acções divorciadas das massas ou que fiquem à espera da hora H, é, sob uma nova forma, uma pura concepção putschista, que em vez de contribuir para a criação de condições para a eclosão do levantamento nacional, prejudica a criação de tais condições.

Nós estamos de acordo com a criação dos organismos unitários, mas a sua existência deve estar ligada a tarefas concretas de actuação que os vinculem às massas. A preparação da próxima campanha eleitoral, a luta pelas liberdades democráticas, a luta contra a política de guerra colonial do governo, a luta pela amnistia, o movimento de solidariedade aos presos políticos, a luta contra a censura (de que é brilhante exemplo a recente luta dos jornalistas), a luta contra os monopólios estrangeiros e «nacionais», a luta pelos interesses económicos das populações (de que são exemplo as reuniões de centenas de agricultores alenteja-

nos), etc., etc., são outras tantas formas de luta a que os organismos unitários devem, na nossa opinião, dedicar o melhor da sua actividade.

Estamos a pouco mais de três meses da campanha para a «eleição» de deputados à Assembleia Nacional e é patente o atraso em que, em vários aspectos, se encontram as forças oposicionistas para se lançarem audaciosamente nesta importantíssima batalha política. A razão principal deste atraso parece-nos residir no facto de que muitos democratas, inclusive alguns comunistas, que no passado se deixaram levar por ilusões legalistas estão agora a cair na descrença da eficácia das lutas eleitorais, esquecendo que foi precisamente nos períodos eleitorais, particularmente naqueles em que a oposição melhor se uniu — Eleições Presidenciais de 1949 e de 1958 — que o nosso povo travou, sob o regime fascista, as mais importantes lutas políticas, lutas essas que enfraqueceram fortemente o salazarismo e esclareceram e atraíram para o campo activo da

(continua na 4.ª pág.)

Morreu José Gregório

Um grande obreiro do Partido e amado filho da classe operária

Na Checoslováquia socialista morreu o camarada José Gregório (Alberto). Deixou de pulsar o coração dum amado filho da classe operária portuguesa, dum dos mais abnegados lutadores pela causa dos explorados e oprimidos, dum dos mais destacados obreiros do nosso Partido, dum valoroso combatente pela causa da independência nacional, da democracia e do socialismo.

Filho de operários, José Gregório nasceu a 19 de Março de 1908 na Marinha Grande. Nunca pôde frequentar a escola, e ainda não tinha 8 anos quando iniciou a sua vida de operário vidreiro.

Entre muitas das lutas em que participou e organizou, contam-se a greve de jovens operários da Companhia Industrial Portuguesa, quando tinha apenas 14 anos; a greve, seguida de manifestações nas ruas da Marinha Grande, dos trabalhadores do pinhal de Leiria; a greve de 200 operários da fábrica dos Rolões, que se prolongou durante 9 meses, ao fim dos quais obtiveram todas as suas reivindicações e uma indemnização de 35 contos para o seu sindical; as greves dos operários vidreiros de Patães, da Fontelá, no período 1931 a 1934, e a grande jornada do operariado português (18 de Janeiro de 1934) contra a fascização dos sindicatos livres, luta que na Marinha Grande teve grande amplitude e que culminou com a ocupação da vila pela classe operária durante várias horas.

José Gregório foi, desde muito jovem, um destacado militante sindical. Tinha 18 anos quando participou na reorganização da Associação dos Garrafeiros. Em 1931 participou na constituição do Sindicato Nacional da Indústria do Vidro sendo mais tarde eleito para a direcção do seu sindicato. Em consequência da perseguição poli-

cial que lhe foi movida após o 18 de Janeiro, e por determinação da Direcção do Partido, em cujas fileiras ingressou no ano anterior, foi para Espanha em 1934, sendo preso em Orense. Vervido à acção do Partido, do Socorro Vermelho Internacional e da classe operária de Orense, que incluiu a sua libertação no programa reivindicativo da greve geral então desencadeada, foi libertado.

Durante a sua estadia em Espanha e mais tarde na União Soviética desempenhou diversas tarefas partidárias. Em 1938, regressou ao país, sendo preso nesse mesmo ano. Por se recusar firmemente a dar quaisquer informações à polícia foi barbaramente espancado durante horas consecutivas por vários facinorosos da PIDE até perder os sentidos. Em 1940, após dois anos de prisão, foi libertado.

Em 1941 foi incumbido da montagem da tipografia do «Avante!». No ano seguinte, após ter realizado tarefas de organização no Algarve, foi destacado para o Norte, onde trabalhou em ligação com as organizações do Porto, Vale de Vouga, Coimbra, Figueira da Foz e Trás-os-Montes.

Em princípio de 1943 foi chamado ao Secretariado do Partido, do qual faziam parte os camaradas Alvaro Cunhal e Manuel Guedes. Desde essa data, até 1956, José Gregório fez sempre parte do Secretariado e só por imperiosos motivos de saúde, em 1956, deixou de pertencer a este organismo.

José Gregório foi eleito para o Comité Central em 1943, no III Congresso do Partido, e reeleito no IV e V Congressos. Fez a alocução de abertura e o informe «O Partido e as grandes Greves de 1942-1943» no III Congresso. Foi relator dos informes ao IV Congresso sobre o trabalho sindical e sobre a luta contra a repressão fascista. Até a saúde o permitir, fez sempre parte da Comissão Política do Comité Central.

José Gregório é um dos homens a quem o nosso Partido, a classe operária portuguesa e o nosso povo mais devem: a reorganização do Partido em 1940 e 1941, as grandes greves de 1943, 1944, 1945 e 1947, a criação do MUNAF, do MUD e MUD Juvenil, as jornadas eleitorais de 1945, 1949 e 1951 e muitas outras acções de massas, estão estreitamente ligadas à vida e à actividade de José Gregório.

Homem de carácter íntegro e dotado de uma extraordinária força de vontade, José Gregório é um exemplo para todos os militantes do Partido. Como justamente declarou Alvaro Cunhal, Secretário-Geral do nosso Partido, perante o tribunal fascista que o condenou, José Gregório pertenceu ao número dos homens que possuem a «suprema virtude que é a dedicação ilimitada ao nosso povo e à nossa Pátria» que são o «orgulho do Partido e do Povo».

A vida de José Gregório foi abreviada em consequência da perseguição policial e dos prolongados e difíceis anos de luta clandestina na qual contraiu uma grave doença do coração. Numa elevada demonstração de fraterno solidariedade proletária, o Partido Comunista da Checoslováquia, o povo e os médicos rodaram-no de todo o carinho e tudo fizeram para salvar ou prolongar a sua vida. Ao transmirmos ao grande Partido irmão a nossa profunda gratidão pelos esforços feitos para salvar José Gregório, estamos certos de que expressamos os sentimentos de todos os comunistas e da classe operária portuguesa.

O nosso povo prestará um dia a José Gregório a merecida homenagem. O seu nome ficará para sempre na história do nosso Partido e na história da luta do nosso povo contra a tirania fascista.

NOTA DA COMISSÃO POLÍTICA DO COMITÉ CENTRAL sobre a orientação do «Avante!»

1 — A Comissão Política do Comité Central do P.C.P. verifica que o «Avante!», não tem traduzido com suficiente rigor as decisões dos organismos centrais do Partido. As duas importantes reuniões do Comité Central realizadas em Dezembro de 1960 e em Março de 1961, o «Avante!» não deu o relevo que mereciam, não salientou devidamente as suas decisões fundamentais, não lhes deu continuidade nos números posteriores e, por essa forma, prejudicou objectivamente o seu alcance e influência política.

2 — Da reunião de Dezembro de 1960, de que saíram resoluções de capital importância para a construção do Partido como um grande Partido nacional (resoluções sobre organização e sobre a imprensa e documento sobre a tendência anarco-liberal), o «Avante!» n.º 296 deu apenas uma curta notícia, aliás com inexactidões. No número seguinte, embora rectificando, por indicação do Secretariado do CC, a posição anterior, o «Avante!» não deu como competia o lugar de maior destaque às decisões do CC e nos números posteriores nada mais disse sobre elas. O «Avante!» limitou assim o alcance dessas decisões, não levou com suficiente vigor a todo o Partido, a todos os militantes e simpatizantes, a análise realista do CC acerca da situação do Partido, as tarefas primordiais e centrais de robustecer o Partido, de ampliar a sua organização, de rectificar defeituosos métodos de trabalho, de insuflar uma nova vida a todo o Partido depois de muitos anos de estagnação, de enraizar no Partido a ideia de que a construção do Partido Comunista como um grande partido nacional é condição indispensável para o triunfo das forças democráticas sobre a ditadura fascista.

3 — Em relação à reunião do Comité Central de Março de 1961, o «Avante!» n.º 299 não salientou a decisão fundamental tomada nessa reunião: a apresentação do levantamento nacional como via para o derrubamento da ditadura fascista, perspectiva esta que rectificou o mais grave aspecto do desvio oportunista de direita que apresentara durante anos como objectivo da acção do Partido a solução pacífica do problema político português resultante da «desagregação irreversível» da ditadura fascista. No artigo que noticiou a reunião de Março, a consigna levantamento nacional não apareceu no título, nem em subtítulo, nem sequer sublinhada no texto. O «Avante!» não chamou devidamente a atenção do militante, simpatizante, democrata e do povo em geral para a NOVA PERSPECTIVA DE LUTA QUE REPRESENTA O LEVANTAMENTO NACIONAL e limitou e prejudicou assim a repercussão e a influência política da decisão fundamental do Comité Central na sua reunião de Março de 1961.

4 — Estas e outras deficiências do «Avante!» resultam em certa medida da desatenção de camaradas do corpo redactorial pelas directrizes e recomendações do próprio Comité Central, da Com. Política e do Secretariado.

5 — Para que o «Avante!» possa cumprir a sua missão, é necessário que seja assegurada a direcção política do «Avante!» de forma a que corresponda às directrizes do CC, da sua Comissão Política e do seu Secretariado. O estímulo a uma maior iniciativa do corpo redactorial deve ser acompanhada dum maior centralização da direcção política. Para assegurar que isso seja feito, a Comissão Política e o Secretariado do CC tomarão as necessárias medidas práticas de organização e de quadros.



BÚLGARO

«Estimados Camaradas:

Por motivo do 40.º aniversário do Partido Comunista Português, defensor fiel e consequente dos trabalhadores portugueses, o Comité Central do Partido Comunista Búlgaro envia-vos e a todos os comunistas portugueses ardentes saudações fraternais e desejos de êxitos cada vez maiores em vosso difícil trabalho.

Nas condições da cruel ditadura fascista de há 35 anos, da qual foram vítimas milhares de patriotas e comunistas, o vosso Partido mantém-se firme e consequentemente nas primeiras filas do povo português na luta contra Salazar e os opressores imperialistas, pela democracia e a independência nacional.

Com a sua fidelidade aos princípios do marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário, este conquistou o respeito e a simpatia de todos os comunistas e dos honestos combatentes pela Paz, a democracia e o socialismo no mundo.

Viva o heróico Partido Comunista Português!

Que viva e se fortaleça sob a bandeira do marxismo-leninismo a unidade dos Partidos Comunistas e operários em todo o mundo!

Comité Central do Partido Comunista Búlgaro

Do Partido Comunista da CHECOSLOVÁQUIA

«Prezados Camaradas!

Por motivo do 40.º aniversário do Partido Comunista Português, enviamos-lhes em nome do Partido Comunista da Checoslováquia calorosas saudações.

Desejamos-lhes muitos sucessos

SAUDAÇÕES de organismos do nosso Partido

«Ao passar o 40.º aniversário do nosso Partido, o Comité Local de T. não pode deixar de assinalar a data, pois ela representa 40 anos de direcção da luta da classe operária, do campesinato, de todos os trabalhadores manuais e intelectuais progressivos pela Paz, por melhor nível de vida, pela liberdade, pelo Socialismo.

O Comité Local de T. deseja salientar à Direcção do nosso Partido, e através desta a todo o Partido que não se poupará a esforços no sentido de alargar e melhorar a organização do seu sector, impondo-se uma disciplina leninista e procurando que todos os militantes tenham uma vida política activa no sentido da orientação do Partido»

O Comité Local de T.

Célia José Borges (Moscou)

«Ao passar mais um aniversário do Partido, saudamos todos os camaradas que neste momento lutam arduamente pelo derrubamento do fascismo e pela futura emancipação da classe operária.

É, com incomparável satisfação, que fazemos parte desse exército, temperado na luta contra a burguesia reacçãoária que mantém o Poder.

Queremos, simultaneamente, testemunhar a inteira confiança que depositamos na Direcção do Partido, prometendo-vos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que, melhorando o nosso trabalho, contribuamos para a vitória final do nosso Partido»

Uma Célula do Partido

«O nosso Partido comemora 40 anos de actividade. Ao comemorar-nos esta data, que encontra o Partido na primeira linha da luta anti-salazarista, saudamos todos os comunistas portugueses que fizeram do nosso Partido uma força

na luta pelas justas reivindicações do povo português, contra o regime ditatorial e pela restituição dos direitos e liberdades democráticas no País.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a invencível unidade marxista-leninista dos Partidos Comunistas!

Comité Central do Partido Comunista da Checoslováquia

Do Partido Comunista de ESPANHA

«Queridos Camaradas:

Por ocasião do 40.º aniversário da fundação do Partido Comunista Português, o Comité Central do Partido Comunista de Espanha envia as suas afectuosas saudações e calorosas felicitações aos trabalhadores e aos comunistas portugueses, combatentes abnegados da causa da Democracia e da felicidade do seu povo.

Reduzido à clandestinidade e perseguido com o ódio pelos criminosos da PIDE, o vosso Partido chega aos 40 anos com uma rica experiência de lutas à frente das massas trabalhadoras da cidade e do campo, pelas suas reivindicações e contra a ditadura fascista de Salazar que oprime o povo português.

O Partido Comunista de Espanha aprecia imenso a valorosa actividade do Partido Comunista Português e saudável com emoção os camaradas perseguidos e encarcerados pelo governo salazarista, aos quais reite-

inabalável ao serviço dos trabalhadores e do povo de Portugal.

Ao comemorarmos o 40.º aniversário do nosso Partido, nós recordamos todos os camaradas da única família dos comunistas portugueses: o seu C.C., que nas difíceis condições impostas pelo fascismo tem garantido a justa orientação e a continuidade da nossa luta; todos os militantes cujo heroísmo, abnegação e espírito comunista são a garantia da força do Partido; todos os camaradas que nas prisões mantêm a sua tempera de luta e defendem a honra do Partido; os camaradas que na emigração ou em tarefas longe da Pátria servem dedicadamente os interesses do Partido e do povo português.»

«Pela passagem de mais um aniversário, queridos camaradas, queremos manifestar que tudo faremos para sempre ser dignos de pertencer ao Partido que sabe forjar verdadeiros e conscientes homens.

Embora distantes, não nos esquecemos nunca dos sacrifícios e vida dura, a que o fascismo vos submeteu, mas estes 40 anos são a prova irrefutável de que o nosso grande Partido é imortal e que avança cada dia mais para a vitória final, para o dia em que o nosso povo, com o seu Partido Comunista a dirigir-lo, começará a construir um futuro luminoso.»

Uma célula do Partido em Bucareste

Também os jornais clandestinos «O Corricero», o «O Camponês» e «O Têxtil» enviaram as suas saudações pela passagem do 40.º Aniversário do nosso Partido.

OS PARTIDOS COMUNISTAS SAUDAM O N

ra seus sentimentos de fraternal solidariedade.

Uma larga tradição de amizade e solidariedade une os nossos dois partidos e os nossos dois povos.

Nestes anos difíceis, os nossos dois partidos, inspirados pelos princípios do internacionalismo proletário, estreitaram a sua colaboração e ajuda mútua. Essa colaboração e ajuda mútua são tanto mais necessárias se tivermos em conta a coincidência, em muitos aspectos, da luta que levam a cabo os nossos povos contra as ditaduras de Salazar, por um lado, e a de Franco, por outro, e a conjura dos dois ditadores contra a paz internacional e contra as forças da democracia em ambos os países. Cada golpe a um dos ditadores debilita o outro e estimula a acção das forças democráticas.

Neste momento desenvolve-se em todo o mundo um poderoso movimento de solidariedade para com os povos português e espanhol, para que acabe a repressão policial, contra os tribunais de excepção, pela amnistia para os presos e exilados políticos de Espanha e Portugal. O Partido Comunista de Espanha agradece profundamente ao Partido Comunista Português e a todos os democratas portugueses a ajuda que vem prestando ao povo espanhol na sua luta pela amnistia. Pela nossa parte, queridos camaradas, estou seguro que faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance para ajudar-vos na vossa luta pela obtenção da amnistia em Portugal. Estamos convencidos de que a mobilização internacional pela amnistia nos nossos dois países impulsionará a acção que, pelos mesmos objectivos, já levam a cabo as forças anti-salazaristas e anti-franquistas em Portugal e Espanha.

O Comité Central do Partido Comunista de Espanha, queridos camaradas, deseja-vos muitos êxitos nos vossos esforços para unir as mais amplas camadas da sociedade portuguesa na luta contra o regime salazarista, pela liberdade, democracia, paz e progresso social.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a amizade e a solidariedade entre os povos de Portugal e de Espanha!

Pelo Comité Central do Partido Comunista de Espanha a) Santiago Carrillo Secretário Geral

Do Partido Comunista FRANCÊS

«Queridos Camaradas:

O vosso Partido comemora este ano o seu 40.º aniversário. Permitti-nos, por esse motivo, dirigir ao vosso Comité Central, a todos os comunistas portugueses, à classe operária e ao povo do vosso país, as saudações mais calorosas dos comunistas e trabalhadores da França.

Desde a sua formação em 1921, o vosso Partido, na luta contra as ideias marco-sindicalistas, tornou-

Sau

DO PARTIDO COMUNIS

«Saudamos o Comité Central encabeçado pelo abnegado Cunhal, e todos os comunistas aniversários do vosso Partido, vanc e de todas as forças progressivas

Nos 40 anos decorridos o Partido estoicamente às severas pro dades no seu caminho. Os longos quições, prisões e torturas não comunistas portugueses.

Prosseguindo a sua luta heróica mo pelos interesses e pelos direitos trabalhadores, o Partido Comunista ligação com as massas e caminha e anti-colonialista.

O Comité Central do Partido Co Partido Comunista Português nov camponeses, de todos os trabalhado Portugal na luta contra os opressores interesses vitais e e pelas liberdades e pela Independência Nacional.»

O Comité Central do Partid

se um Partido marxista-leninista. As duras condições de luta criadas pelo golpe de Estado fascista de Salazar em 1926, a prisão de todo o Secretariado do Partido em 1935, e particularmente a prisão de Bento Gonçalves, não impediram o Partido de tomar uma parte cada vez mais activa na direcção da luta contra a ditadura salazarista.

À cabeça das massas populares das cidades e aldeias o vosso Partido trava uma luta ardente e corajosa pelo melhoramento das suas condições de vida, pelas liberdades democráticas e contra a ditadura fascista.

Aos povos das colónias portuguesas em luta pela sua liberdade e independência, e particularmente ao valoroso povo de Angola, o Partido Comunista Português, fiel aos princípios do internacionalismo proletário dá uma ajuda total e desinteressada.

O vosso Partido trava um justo combate pela unidade das forças da oposição e a larga mobilização das massas populares; o glorioso jornal «Avante!», apesar da ilegalidade, orienta e mobiliza eficazmente as massas nessa luta.

Contra a vontade de Salazar, os écos da luta do povo português ultrapassam todas as fronteiras. A espectacular fuga de Alvaro Cunhal, Secretário Geral do Partido, e de outros 9 camaradas abriu os olhos de milhões de homens sobre a miséria e o regime tirânico que faz pesar sobre Portugal a camarilha de Salazar que goza do apoio dos imperialistas americanos e das outras potências do Pacto do Atlântico, entre os quais o governo do nosso país.

O nosso Partido, travando um combate incessante e difícil contra o poder pessoal ao serviço dos monopólios, pelo fim da guerra colonialista na Argélia e a restauração em França duma democracia renovada, combate no qual já obteve os primeiros sucessos, assegura-vos,



MUNISTAS IRMÃOS OSSO PARTIDO

dação TA DA UNIÃO SOVIÉTICA

do Partido Comunista Português, filho do seu povo, camarada Alvaro português, pela passagem do 40.º guarda gloriosa da classe operária de Portugal.

do Partido Comunista Português tem resistências e superado imensas dificuldades anos de terror fascista, de perseguições e de vontade de luta dos

sob a bandeira do marxismo-leninismo da classe operária e de todos os Portugueses amplia e robustece a sua na vanguarda da luta democrática

comunista da União Soviética deseja aos êxitos na coesão dos operários e cores, dos democratas e patriotas de cres fascistas e colonialistas, pelos es democráticas do Povo, pela Paz

o Comunista da União Soviética

Queridos Camaradas, o apoio inquebrantável dos comunistas franceses na vossa luta contra a ditadura, pelo estabelecimento dum governo democrático no vosso país e pela paz mundial.

A luta do povo português e a solidariedade dos povos do mundo permitirão a vitória das forças democráticas de Portugal e a libertação dos seus numerosos filhos encarcerados.

Viva o Partido Comunista Português!

Viva a fraternidade de combate dos povos de França e de Portugal! Viva a Paz!

Pelo Comité Central do P.C.F.
Jaques Duclos

Membro do Bureau Político
Secretário do Comité Central

Do Partido Comunista da GRÃ-BRETANHA

«A o passar-se o 40.º Aniversário da fundação do nosso Partido irmão, temos a maior honra em enviar as nossas saudações fraternais e as nossas calorosas homenagens aos heróicos combatentes comunistas de Portugal que de há tantos anos vêm travando uma persistente e corajosa luta ilegal.

Acolhemos como bem vindos os sinais evidentes de oposição cada vez maior à ditadura de Salazar, e estamos confiantes de que o nosso Partido irmão está na vanguarda do amplo movimento que se manifesta agora cada vez mais fortemente contra este regime odioso. Não só em Portugal mas também nas colónias portuguesas (especialmente em Angola) há uma maré crescente de resistência, e a sua luta está a ser apoiada pelos movimentos africanos de libertação.

É com orgulho que saudamos os heróicos dirigentes comunistas pre-

sos e torturados pelo brutal regime de Salazar. As suas vidas foram devotadas a uma grande causa e eles não hesitaram quando tiveram de pagar um pesado tributo pela sua actividade.

Pela nossa parte comprometemo-nos a lutar cada vez com maior energia para organizar na Grã-Bretanha a solidariedade com a luta contra a ditadura de Salazar em Portugal e com o movimento de libertação nas colónias portuguesas.

No vosso 40.º aniversário fazemos votos por próximas vitórias pela libertação do povo português e dos povos das colónias sob domínio português.»

John Gollan
Secretário Geral

Do Partido Comunista da GRÉCIA

«Queridos Camaradas:

Enviamos ao heróico Partido Comunista Português e a todos os comunistas portugueses a mais ardente saudação por ocasião do 40.º aniversário do Partido. Pela sua luta indomável contra o regime fascista, travada sobre um prolongado terror e na clandestinidade, pela sua luta em defesa dos interesses dos trabalhadores, pela paz, a democracia, pela autodeterminação das colónias, o P.C.P. conquistou a estima do povo. Fiel à ideia do marxismo-leninismo, o P.C.P. é a garantia da libertação do povo português, da sua independência nacional.»

O Comité Central do
Partido Comunista da Grécia

Do Partido Comunista ITALIANO

«Queridos Camaradas:

Na passagem do 40.º aniversário da fundação do Partido Comunista Português, o Comité Central do Partido Comunista Italiano — em nome de todo o Partido, dos seus simpatizantes e dos seus eleitores — envia-vos as mais calorosas e fraternais saudações.

A luta tenaz, obscura e heróica dos comunistas portugueses que há mais de 34 anos se batem contra a ditadura salazarista, a sua acção constante para unir as forças da oposição e mobilizar as massas populares para derrubar o actual regime, encontram a compreensão, o apoio e a activa solidariedade dos comunistas, da classe operária, das massas trabalhadoras e de todos os anti-fascistas e democratas italianos.

Sob os golpes repetidos da oposição crescente no país, em Angola e nos outros territórios coloniais, o regime de Salazar sente-se cada vez mais inseguro e por isso, reforça a sua repressão contra os militantes comunistas e os anti-fascistas e patriotas, repressão a que se opõem a voz cada vez mais poderosa da solidariedade internacional a favor

da Amnistia e a coragem dos camaradas e da organização do Partido que arrancaram com êxito aos carcereiros o camarada Alvaro Cunhal.

Estamos convencidos de que a política de unidade de todas as forças anti-salazaristas e patrióticas que o vosso Partido preconiza e defende tenazmente, assim como a política de solidariedade com os povos coloniais em luta, não podem deixar de atingir o objectivo do levantamento de todo o povo português para o derrubamento do actual regime.

Fieis aos princípios do marxismo-leninismo, aos objectivos comuns que ligam os nossos dois partidos, assim como à Resolução da Conferência de Roma ao internacionalismo proletário e à unidade dos Partidos Comunistas e Operários reafirmadas na Conferência de Moscovo, na luta comum contra o imperialismo, pela Paz, pela democracia e pelo Socialismo, desejamos-vos, queridos camaradas, os melhores êxitos na vossa luta de libertação política e social à cabeça do povo português.»

Pelo Comité Central do P.C.I.

a) Palmiro Togliatti

Do P. Operário Unificado POLACO

«Queridos camaradas:

Por ocasião do 40.º aniversário da fundação do vosso Partido, enviamos aos comunistas portugueses, a todos os lutadores por um Portugal livre e democrático, as nossas calorosas saudações.

A vossa devotada actividade, conduzida sob excepcionais condições de terror fascista, a vossa actividade na defesa dos interesses das massas populares, o vosso esforço decisivo pela unidade de todas as forças que lutam por um Portugal livre e democrático atraem a simpatia do

povo trabalhador da Polónia.
Desejamos-vos, queridos camaradas, a continuação dos êxitos na luta contra as forças da reacção, o imperialismo e o colonialismo, na luta pela independência, a democracia, o progresso e o socialismo.»

O Comité Central do Partido
operário unificado Polaco

Do Partido Comunista da VENEZUELA

«Queridos Camaradas:

É com viva emoção que o Partido Comunista de Venezuela celebra o 40.º aniversário da fundação do vosso Partido. Têm sido quarenta anos de heróicos combates contra a reacção interna, de incessante batalha contra o imperialismo fascizante. Durante estas quatro décadas, o Partido Comunista Português tem vindo propugnando a mais ampla unidade de todas as forças progressistas do país e tem impulsionado consequentemente a mais decidida luta contra a ditadura imposta por Salazar e seus protectores internacionais. As massas revolucionárias de todo o mundo prestam, camaradas, homenagem de sincera admiração a essa luta prolongada que não tardará em dar seus frutos na pátria lusitana.

É essa homenagem que nós, em nome da classe operária e de todos os sectores progressistas do nosso país, vos prestamos hoje. A Venezuela — a Venezuela dos trabalhadores da cidade e do campo, dos estudantes e dos intelectuais, de todas as camadas revolucionárias — tem seguido com verdadeira admiração o vosso bravo combate pela liberdade e pela democracia e está certa de que esse combate culminará com a vitória, abrindo-se assim amplo caminho para o avanço até o socialismo.

Recebam, pois, por nosso intermédio, camaradas, a fervorosa saudação e o abraço fraterno dos comunistas venezuelanos que fizeram sua a vossa festa aniversária e que estão e continuarão estando a vosso lado nas horas más e nos momentos de triunfo.

Pelo Comité Central do P.C.V.

a) Jesus Faria
Secretário Geral

SAUDAÇÃO DE AMÍLCAR CABRAL dirigente do PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ

«O Partido Comunista Português, em 40 anos de vida, luta há 34 contra o nazi-fascismo da grande burguesia de Portugal, sempre aliada à burguesia internacional. Nessa dura luta travada no silêncio duma repressão brutal, — de que só agora o mundo começa a fazer ideia — os militantes do Partido Comunista Português deram as maiores provas de coragem, de sacrifício e de capacidade. Eles simbolizam a resistência indomável do povo português e são um exemplo para todos os que querem a Liberdade do povo a que pertencem.

Para o nosso Povo que vai liquidar completamente o colonialismo português, o Partido Comunista Português é um aliado e, até agora o único depositário e intérprete da vontade do povo português de viver na amizade e na colaboração, com todos os povos do Mundo na base de igualdade de direitos e deveres.

Acitem, caros amigos, as melhores saudações, que vos peço transmitam ao Povo Português e aos dirigentes do vosso Partido.»

a) Amílcar Cabral

Continuaremos a publicar saudações dos Partidos irmãos e de células e outros organismos do nosso Partido, à medida que forem chegando à nossa Redacção.

A classe operária RECUSA-SE A CONTRIBUIR PARA A GUERRA

Com a cínica justificação de «auxiliar as vítimas do terrorismo», o governo e a grande burguesia colonialista, servindo-se de mentiras, ameaças, intimidações e pressões de toda a ordem, estão a levar a cabo em todo o País uma campanha de extorsão de fundos para financiar a guerra de Angola. Indignados com esta nova forma de exploração, os trabalhadores resistem por todo o lado aos descontos, horas extraordinárias e peditórios.

Na empresa «Olho de Boi», Alameda, onde foi feito um peditério para «as vítimas do terrorismo» a esmagadora maioria dos operários negou-se a contribuir para a guerra. Em cerca de mil trabalhadores, apenas 25, quase todos encarregados, contribuíram.

Na Fábrica «Tudor», Castanheira do Ribatejo, tendo a direcção decidido anular o feriado de Quinta-feira de Ascensão para que o seu produto revertesse a favor da guerra, a maioria dos operários (150) recusou-se a trabalhar, apesar das ameaças dos encarregados. «Trabalhamos para a guerra de Angola é o mesmo que trabalhar contra nós próprios», comentavam justamente os valentes operários da Tudor.

Na Covina, Póvoa de St^a Iria, apesar de todas as pressões feitas pelo patrão, de 700 operários apenas a 70 os colonialistas conseguiram extorquir dinheiro. Todos os outros se recusaram a «contribuir».

Na Fundação de Oeiras, um dos patrões apelou descaradamente para os operários «ajudarem o governo nas grandes despesas que vão ser feitas», e perguntou se todos estavam de acordo. A resposta foi um silêncio geral. Então, o patrão ameaçou os trabalhadores de que poderiam vir a sofrer «represálias», querendo com isso referir-se à PIDE, e obrigou os operários a fazer horas extraordinárias para a guerra de Angola. Em consequência da resistência dos operários, 28 foram castigados com várias semanas de suspensão do trabalho. Apesar disto, todos os outros operários fazem cera de tal modo que o patrão anda pelas oficinas a clamar que assim

não pode ser, que assim é o patronato quem tem de andar com todo o dinheiro.

Se os operários da Fundação de Oeiras unirem firmemente, porão fim aos castigos e acabarão com as horas extraordinárias.

Também no Hospital de S. José (Lisboa), na Trefilaria de Sacavém, na Auto-Industrial de Coimbra, na Fábrica de Carrinhos da Senhora da Hora (Motosinhos), nas fábricas de calçado de Oliveira do Douro, bem como em muitas outras empresas, os operários têm-se recusado, de uma forma ou de outra, a contribuir para a guerra de Angola.

Trabalhadores! Organizemos a resistência contra estas extorsões! Nem um tostão para a guerra de Angola!

OS SOLDADOS LEVANTAM-SE contra a guerra

A chamada constante aos quartéis de novos milhares de soldados que são embarcados para a guerra nas colónias está dando lugar a lutas em quase todos os quartéis. Cresce a consciência e a combatividade dos soldados que se recusam a colaborar nesta guerra vergonhosa.

No quartel de Caçadores 5, em Lisboa, onde se têm registado nos últimos meses manifestações de descontentamento, deu-se no dia 20 de Junho uma importante luta, quando 180 soldados mobilizados para partir para Moçambique se manifestaram valentemente contra os comandos, recusando-se a entrar na formatura e fazendo um levantamento de rancho, que foi apoiado por todos os outros soldados do quartel. Um soldado que fora agredido e preso pelo oficial de dia, foi imediatamente libertado graças à acção decidida dos seus camaradas. No dia seguinte, continuaram os protestos em plena formatura, afirmando vários soldados ao comandante que não queriam partir para a guerra nem deixar aqui as famílias na miséria, e acabando por obrigar os comandos a comunicar que o contingente não embarca por agora. A unidade e a coragem dos soldados de Caçadores 5 deu-lhes a primeira vitória na sua luta e é um exemplo para todos os soldados.

No quartel de Infantaria 7, em Leiria, o soldado Fernando Gil declarou em plena parada que se recusava a partir para Angola por não estar disposto a ir massacrar os patriotas africanos numa guerra contrária aos interesses de Portugal. Atacado por alguns oficiais e sargentos, que lhe chamavam «comunista» e «traidor», o valente soldado foi no entanto defendido pelos seus camaradas que o leva-

ram para a caserna sob a sua protecção, aí o conservando durante vários dias, ao mesmo tempo que se recusavam todos a partir. No quartel de Cavalaria 7, em Lisboa, tendo o comandante mandado distribuir no dia 5 de Maio esmolas às famílias dos mobilizados, um soldado arrancou o dinheiro das mãos da mulher e perguntou ao oficial se era com aquilo que iam viver a mulher e os filhos. A resposta do oficial foi agredido barbaramente com o cinturão e só não o prendeu porque a isso se opuseram os restantes soldados. Nessa noite, o soldado e um cabo resolveram apossar-se das armas, mas foram surpreendidos pelo capitão Falco quando já estavam dentro da casa das armas, sendo mortos a tiro. Existe grande indignação em todo o quartel. No quartel de Infantaria 3, em Beja, o general fascista Alves de Sousa fez um discurso ameaçador aos soldados formados na parada, por estes virem manifestando o seu descontentamento contra a guerra. Em sinal de protesto contra as ameaças, os soldados fizeram nesse mesmo dia um levantamento de rancho que os oficiais não conseguiram quebrar.

Também do Porto, Queluz, Tomar e outras localidades chegam notícias de acções de resistência dos soldados contra o embarque, de numerosas deserções e de faltas sistemáticas às formaturas e ao recolher.

O «Avante!» saúda os valentes soldados que se erguem contra a guerra colonial e apela para que se desencadeiem lutas mais amplas que ponham um freio à política criminosa da ditadura. É preciso que através de novas lutas colectivas os soldados tomem consciência da sua força imensa. É preciso que se formem em cada quartel, em cada barco, em cada base aérea, comités de soldados, marinheiros e aviadores para dirigirem a luta contra a guerra. Unidos e organizados, recusai-vos a embarcar para as colónias, recusai-vos a massacrar os povos que lutam pela sua libertação.

QUE CESSEM AS ATROCIDADES contra o povo de Angola!



«Custo de lutar como ontem, 10 paraquedistas e 4 polícias matámos quase 400; vieram 8 presos mas, coitados, mal levantavam a cabeça, caía-lhes a coroa na cabeça; foi a 80 quilómetros daqui, só cá chegaram 2 vivos e nem se mexiam, já deitavam sangue por todos os lados».

Expressões de selvajaria como esta, que se lê numa carta enviada de Angola por um paraquedista, dão uma ideia das atrocidades espantosas que estão a ser praticadas pelo regime fascista, numa tentativa desesperada para esmagar a insurreição do heróico povo angolano.

Apesar de não se conhecer ainda toda a extensão do crime de genocídio levado a cabo em Angola, há exemplos que falam: no Dondo onde fica a barragem de Cambambe, que pertence ao gigantesco monopólio da SONEFE, têm sido feitas desde Abril inúmeras prisões entre os trabalhadores africanos; como de Luanda protestassem contra os envios de presos, estes começaram a ser abatidos no próprio local e lançados ao rio; mais tarde, para evitar as epidemias, as autoridades fascistas ordenaram que os corpos dos angolanos massacrados passassem a ser lançados em grandes valas, o que tem estado a ser feito. A isto chamam os fascistas a «pacificação» do norte de Angola.

O povo português não pode assistir indiferente à continuação de atrocidades que nos desonram perante a Humanidade. Lutar contra os crimes monstruosos da ditadura fascista em Angola, reclamar o fim imediato da guerra colonial — é um dever para todos os portugueses honrados, qualquer que seja a sua religião, ou ideia política.

Desmascaremos os crimes fascistas e reclamemos por todas as formas ao nosso alcance

QUE CESSEM AS ATROCIDADES CONTRA O POVO DE ANGOLA!

OS BOMBISTAS do Cais do Sodré

Os gangsters da PIDE foram encarregados das «investigações» sobre a bomba que explodiu no Cais do Sodré e que causou ferimentos em várias pessoas, dando assim a entender à opinião pública de que se tratava duma acção de democratas e pessoas da oposição.

O governo e a PIDE sabem, mas nada disseram, que 4 outras bombas colocadas noutras locais não teriam chegado a explodir e silenciaram a chegada ao país dum grupo de terroristas que se intitulam «Jeune Nation», agrupamento que desenvolve acções terroristas em França contra os patriotas argelinos e franceses. Tal grupo de terroristas tem contacto com o grupo «Jovem Portugal», à frente do qual estaria o filho do Manuel Múrias, ex-director do «Diário da Manhã», grupo no qual deve estar integrado o grupelho fascista e policial que se intitula «União dos estudantes anti-comunistas».

A PIDE silenciou completamente o resultado das «investigações» mas intensificou por todo o país os assaltos e as buscas a residências, transportes e pessoas, com a alegação de que procuram bombas... o que é bem a comprovação de origem dos bombistas do Cais do Sodré.

Tais métodos terroristas não interessam às forças democráticas pois o terrorismo pretende substituir a acção de massas, por não confiar nestas, e freia a acção revolucionária das massas. Só o fascismo beneficia com tais métodos que facilitam a acção repressiva da PIDE contra as forças democráticas e o desenvolvimento do movimento de massas.

José Miguel UM INIMIGO DO POVO

«O contrário do que sucedeu com Francisco Miguel, Cândida Ventura, Fernanda Paiva Tomás, Guilherme de Carvalho, Orlando Ramos, António Gervásio, Ildio Esteves, Joaquim Rollim, Mário Sena Lopes, Albertina Diogo e outros funcionários do Partido que, presos a partir de Janeiro de 1960, cumpriram com honra o seu dever de comunistas recusando-se a prestar declarações à PIDE, o miserável José Miguel, cuja permanência no Partido era ainda produto dos restos da tendência anarco-liberal denunciada e combatida pelo Comité Central, traiu criminosamente o nosso Partido. Para melhor atingir os seus fins, este vil traidor procurou inicialmente enganar o Partido. Porém, uma vez posto em liberdade, desmascarou-se ao actuar em aberta e confessada colaboração com a PIDE. A traição deste canaísta é um crime contra o nosso povo que luta para derrubar o fascismo. O Comité Central, ao expulsar das fileiras do Partido este infame traidor, aponta-o a todo o povo como um inimigo ao qual deve ser manifestado o maior desprezo onde quer que se encontre».

UNIDADE

(continuação da 1.^a pág.)

oposição milhares de portugueses que antes se mantinham alheios à luta política.

No passado, ilusões legalistas e constitucionais (a crença em que do simples sufrágio eleitoral podia resultar a queda de Salazar), bem como ideias gotistas, obstaram a que a campanha eleitoral de 1958 passasse a formas mais positivas e superiores de luta que poderiam ter levado ao próprio derrubamento do fascismo. Agora, o menosprezo pelas formas legais de luta, em particular pela campanha eleitoral, e novas ideias de fundo punitivista (o confundir-se o levantamento nacional com uma espécie de putch a realizar «em breve»), estão a dificultar a criação de condições para uma importantíssima batalha política como a que deve ser a próxima campanha eleitoral.

A possibilidade de a oposição concorrer às «relações» fascistas, foi das mais importantes vitórias arrancadas pelas forças populares na luta contra o fascismo. Aproveitar e alargar tal vitória é tarefa de toda a oposição. Neste momento, a multiplicação de Comissões Cívicas eleitorais, a formação imediata de listas únicas da oposição, verdadeiramente representativas, a reclamação de consulta livre e rectificação do recenseamento eleitoral, a exigência de ampla liberdade de propaganda e de organização, bem como do direito de fiscalização do acto eleitoral pela oposição, são aspectos de luta pelas liberdades democráticas que não podem sofrer mais atraso.

Unidade, sim, mas para a acção!